

# Profecia e Tipologia: Interpretação, Diferença e Aplicação

por Jakob Van Bruggen

Aqui se encontra uma parte do excelente livro do holandês Van Bruggen, que selecionei por tratar da relação entre profecia e interpretação e de tipologia, a diferença entre tipologia e alegoria e limites para aplicar a tipologia.

## 1.6. Profecia e visão.

Muitas profecias foram feitas depois de Deus anunciá-las ao profeta: o SENHOR anunciou de antemão os seus planos. Uma parte das profecias, porém, surgiu como visões: o vidente viu de longe o futuro.

Assim Balaão, o homem de olhos abertos, viu de longe Cristo: “Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmeoras de Moabe, e destruirá todos os filhos de Sete” (Números 24,17).

Micaías, filho de Inlá, vê de antemão "todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor" e ele ouve a palavra de Deus a respeito da morte de Acabe (1 Reis 22,17).

Daniel e Zacarias vêem visões, enquanto João na ilha de Patmos pode ver as coisas que hão de acontecer depois destas. Quando se trata destas profetas fala-se logo de ‘literatura apocalíptica’. Como se nós tivéssemos a ver com uma forma literária, que é preenchida pelas profetas da sua própria maneira. Como alguém poderia escolher a forma de um conto de fadas ou a forma de uma balada. Se isso for o caso, nós teríamos aqui a ver com uma ficção literária: o profeta da literatura imaginária. Está errado anular a pretensão do real ver como encontramos nas profecias referidas, dizendo que essa pretensão é uma ficção. Isso poderia apenas quando o termo ‘literatura apocalíptica’ fosse claro (o que não é o caso), e quando pudesse ser provado que os profetas têm também a intenção de oferecer ficção. As visões de Daniel o assustam de uma maneira diferente do que um ator que pode ser fascinado por sua própria ficção (Daniel 7,28; 8,18.27; 10,15-19). O próprio Zacarias não sabe o que pensar das suas visões (Zacarias 1,9.19; 2,2; 4,4-5.11-13; 5,6; 6,4). João precisa subir ao céu (Apocalipse 4,1) e é tão insciente como Zacarias era (Apocalipse 7,13-14; 22,8).

É importante que o exegeta conte com a distinção entre profecia e visão. Mesmo que as duas possam ser misturadas, existe uma diferença entre o que o profeta diz de antemão e o que ele vê de antemão. Quando ele

fala de antemão, as imagens muitas vezes são mais determinadas pela época e o horizonte do profeta que fala: a paz eterna é prometida a partir de uma época em que havia lanças e podadeiras (Isaías 2,4). Quando ele vê de antemão, tudo é muito mais dominado pelas realidades que nós não conhecemos e que são vistas por um lado que nos é estranho e desconhecido. Na descrição do que foi visto pode ser usada uma comparação com o que conhecemos: brilhante 'como cristal' (Apocalipse 22,1). Mas a descrição como toda é determinada pelo que pode ser visto num outro lugar e pelo que nós não podemos ver.

Visto do céu o futuro é diferente da nossa própria história. Podemos sim procurar pontos de referência. Mas os mil anos não são mil anos calendares e o dragão não pode ser encontrado. Será que isso significa que tudo na visão é figurativo? Essa conclusão poderíamos somente tirar quando a realidade que nós vemos e o tempo que nós temos seria as únicas realidades existentes. Mas isto certamente não é o caso. Há muitas realidades que nós não conhecemos, mas que determinam diariamente a nossa visão ao mundo. E para com o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia (2 Pedro 3,8). Visto da parte de nós o futuro ainda não chegou e não é possível programá-lo de antemão: apesar disso profetas podem ver coisas que acontecerão como se já acontecessem. Elas já existem realmente de uma certa maneira. Quem é que conhece o outro lado?

Por isso não faz mal quando o exegeta não sabe tudo quando trata-se de visões. É pior quando relatórios sobre outros lugares apenas são considerados como linguagem figurativa de maneira que a visão reflita a nossa própria visão ao mundo. Quando trata-se de uma visão, o leitor da Bíblia está na frente da janela e olha para fora. Felizmente ele não precisa saber tudo para poder ver as nuvens e o sol, que brilha. O exegeta deve ajudar o leitor a ver o que está escrito na visão. Um quadro não pode ser transformado em texto: assim uma visão não pode ser transformada num anúncio informativo. Apesar disso o quadro nos dá muita informação. Assim a visão nos dá uma perspectiva, mesmo que muitas vezes não seja possível chegar a uma exegese concluída, porque não conhecemos suficientemente as circunstâncias do mundo que foi visto, nem podemos examiná-las.

### **1.7. A profecia de Salmo 2.**

Fica evidente em mais do que um texto no Novo Testamento que os apóstolos consideraram a vinda de Jesus Cristo o cumprimento de Salmo 2. Paulo diz na sua pregação aos judeus na Antioquia (Pisídia): "Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" (Atos 13,32-33).

Também em Hebreus 1,4-5 essas palavras são aplicadas a Jesus: "Pois a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei?" Essa

palavra fala de Jesus, que está sentado à direita do Pai e que pelo nome que Ele recebe torna-se muito superior aos anjos (cf. Hebreus 5,5). Em Salmo 2 é dito ao filho: "Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e as extremidades da terra por tua possessão. Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro" (vs.8-9). E em Apocalipse 2,26-28 Cristo apresenta-se como aquele a quem isso foi prometido: "Ao vencedor, e ao que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regeirá, e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro, assim como também eu recebi de meu Pai" (cf. Apocalipse 19,15). Podemos entender que a igreja antiga em Jerusalém, quando foi perseguida pela primeira vez, na oração refere-se a Salmo 2: as reis da terra e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido. Aquele Ungido de Deus de Salmo 2 é o teu "santo Servo Jesus, ao qual ungiste" (Atos 4,25-28).

Esse uso de Salmo 2 pelos apóstolos e a igreja é suportado pela citação deste Salmo pelo próprio Deus quando Jesus foi batizado no rio Jordão. Os céus se abriram e, enquanto o Espírito descia como pomba, uma voz dos céus disse: "Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Marcos 1,11). E no monte da transfiguração uma voz de uma nuvem luminosa disse aos discípulos: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi" (Mateus 17,5). Pedro lembra dessa história na sua segunda carta (2 Pedro 1,16-18), e então fica evidente que Pedro entendeu a voz como uma indicação do cumprimento da profecia de Salmo 2 na majestade de Jesus. Porque depois de lembrar das palavras celestiais ele continua: "Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (1,19). Por que Pedro pode ligar a voz celestial com as palavras dos profetas? Porque as próprias palavras do céu aderem-se à profecia. Jesus é apontado como o cumprimento de Salmo 2.

Para a explicação do Novo Testamento essa ligação entre Antigo e Novo Testamento é muito importante. Há muitos livros que trataram sobre a pergunta de onde vêm os termos 'Cristo', 'Filho de Deus' etc.: será que são tomados do helenismo ou será que são termos que circulavam no judaísmo e que perderam um pouco o seu significado? A origem, porém, encontramos em Salmo 2. Lá já encontramos as palavras e os nomes que mais tarde são dados a Jesus. Quando Pedro em Cesaréia de Filipe em nome dos discípulos diz que Jesus é "o Cristo, o Filho do Deus vivo", ele confessa que Jesus é a pessoa da qual os contornos são desenhados nos salmos da Antiga Aliança. Para a explicação do nome 'Cristo' a promessa de Salmo 2 é mais importante do que todas as esperanças messiânicas contemporâneas do judaísmo.

Para os discípulos foi uma experiência importante descobrirem que os lugares abertos nos salmos e profetas foram preenchidos por Jesus.

Para leitores da Bíblia no século XX é uma experiência tão grande descobrir que muitos comentários esvaziam Salmo 2 do Cristo e o cântico que desenha profeticamente o Messias como um casaco colocam nos ombros do rei terrestre Davi. Mesmo J. Ridderbos, exegeta holandês, explica Salmo 2 como uma palavra primeiramente falada ao rei Davi. Ele e outros consideram o salmo um cântico de adoção. No começo do seu governo o rei terrestre é adotado por Deus. Assim Salmo 2alaria a Davi que na sua entronização é nomeado ('gerado') filho de Deus.

Para muitos exegetas a aplicação de Salmo 2 a Jesus é uma interpretação posterior, em que um cântico real davítico recebe na entronização uma nova exposição, pelo fato de as antigas palavras agora serem ligadas com Jesus e então receberem um outro significado. É evidente que desta maneira não pode ser falado de um cumprimento real. Paulo poderia ter dito melhor em Antioquia (Pisídia) que Deus teria dado um novo conteúdo à promessa realizada na época dos pais! J. Ridderbos tenta evitar no seu comentário essa consequência quando fala sobre 'cumprimentos iniciais' e 'o cumprimento definitivo' (p.19). Essa terminologia esconde, porém, a situação real. Isso fica mais claro quando ele escreve (p.24, anotação 1): "Que Cristo, em quem essa palavra totalmente foi cumprida, é o "eterno Filho natural de Deus" não está convergente disso; o cumprimento é também aqui mais rico do que a predição". As palavras "mais rico" nesta citação não conseguem esconder que aquele 'cumprimento rico' ou 'cumprimento definitivo' não pertence ao conteúdo da predição original. Não é um cumprimento, mas pode melhor ser chamado (com muitos comentários modernos) (re)interpretação. Apesar de Ridderbos apelar a Calvino, ele distingue-se especialmente neste ponto de Calvino. Seja como for a nossa opinião sobre a exegese de Calvino de Salmo 2, em todo caso Calvino vê em Davi no máximo um cumprimento parcial e um cumprimento completo em Cristo. Diferente de Ridderbos, Calvino vê no salmo diversas noções que não podem falar de Davi e que devem falar de um cumprimento posterior no futuro.

Nós achamos que a moderna exegese da adoção não pode ser mantida em Salmo 2. Temos os seguintes argumentos:

1. A promessa a Davi sobre o futuro da sua dinastia diz sim que Deus será para o filho de Davi 'por pai' e que este lhe será 'por filho' (2 Samuel 7,14; 1 Crônicas 28,6), de maneira que ele possa 'dizer' 'meu pai' (Salmo 89,26), mas não faz parte desta promessa que Deus 'gerará' para Davi um filho a quem sem mais nem menos pode ser dito: 'Tu és meu Filho' (Salmo 2,7). As distinções nas formulações aparecem também na tradução grega do Antigo Testamento. A promessa à casa de Davi é claramente formulada a partir da terminologia de adoção, mas a profecia em Salmo 2 a partir da terminologia de geração.

2. Em Salmo 89 há uma queixa de que as promessas a Davi parecem não realizar-se por causa de Deus castigar os pecados da casa de Davi.

Em Salmo 2 a união entre Deus e seu Ungido é incondicional (distinto de Salmo 89,30-32).

3. Na história de Davi a unção como rei antecedeu à entronização. Além disso, a entronização não aconteceu em Jerusalém, mas em Hebrom. Quando Davi começou a governar em Jerusalém (onde havia o santo monte de Deus, o monte Sião) ele já foi há vários anos coroado rei. Salmo 2 então historicamente não combina com a entronização de Davi. Se pensássemos (apesar de Atos 4,25) num rei posterior, então valeria a objeção de J.Ridderbos (p.21), que dos reis posteriores apenas Salomão conhecia a situação em que muitos povos foram algemados por Israel (Salmo 2,1-3). Mas o salmo pode dificilmente ser colocado na vida de Salomão, porque naquela época não houve nenhuma revolução contra o seu governo.

4. Os reis da casa de Davi reinam sim em Jerusalém, mas sobre Israel ou Judá. Se Salmo 2 falasse de um rei de Judá, a expressão de que Deus constituiu o seu Rei sobre Sião seria inadequada (Salmo 2,6).

5. Isso vale ainda mais porque não está escrito 'sobre Jerusalém', mas 'sobre o meu santo monte Sião'. Não houve nenhum rei de Judá de quem poderia ser dito que ele governou sobre o santo monte do SENHOR. 'Sião' pode nos livros dos profetas ser uma indicação de Jerusalém como cidade do SENHOR, mas também naquele caso 'Sião' continua com o seu significado especial como indicação da área do templo onde Deus é Rei (Salmo 48; 74,2; 84,7), o monte Sião (Isaías 4,5; 10,12; 18,7; 31,4; Lamentações 5,18). Esse é o domínio do SENHOR. Lá Ele quer morar para sempre e dali Ele fará brotar a força de Davi (Salmo 132,13.17). Do seu palácio no monte Sião, onde o rei por assim dizer tem o templo como refúgio, governa o rei sobre o povo, mas Uzias experimentou que o seu poder como rei não valia no templo, o coração do santo monte. Quando ele quer agir no templo como rei e queimar incenso no altar do incenso, ele precisa fugir como um leproso: essa área está proibida para o rei (2 Crônicas 26,16-21). Quando, então, Salmo 2,6 fala de um rei que o SENHOR constituiu sobre o seu santo monte Sião, a formulação divergente e a indicação do lugar fazem com que fique claro que trata-se aqui de um rei mais elevado e mais santo do que Davi, Salomão ou um dos seus descendentes no Antigo Testamento.

6. Em Salmo 2,12 os reis da terra são aconselhados a beijar o Filho e a refugiar-se nele: "Bem-aventurados todos os que nele se refugiam". No Antigo Testamento é sempre Deus, em quem alguém se refugia. O credo de Davi foi que Deus é um escudo 'para todos os que nele se refugiam' (Salmo 18,2.30). Todos os seres humanos devem se refugiar no SENHOR (Salmo 36,7-9). O fim do salmo nos faz de novo pensar num Filho ungido de Deus, que é igual a Deus e com quem o rei terrestre Davi certamente não pode ser igualado. Com base nestes argumentos devemos concluir que Salmo 2 já na época em que foi publicado pela

primeira vez não podia ser relatado pelos ouvintes com o rei terrestre que governou, assim que desde o começo o salmo desse às pessoas a perspectiva de um rei que correspondia a esta idéia e para quem valiam estas palavras proféticas. Uma voz do céu responde à esperança fiel e ela é confirmada pela pregação dos apóstolos.

Leitura atenta de Salmo 2 nos faz tirar a conclusão impressionante de que Deus já quase mil anos antes de Jesus vir à terra predisse que Ele governaria como o próprio Filho de Deus e Cristo sobre todas as nações para a sua salvação. A verdade da fé cristã é confirmada por documentos antigos dos profetas.

## **2. Profecia e tipologia.**

### **2.1. Profecia e história.**

Profetas, inspirados pelo Espírito de Deus, não falaram apenas sobre realidades futuras, mas também sobre a sua própria época ou sobre épocas anteriores. A curta descrição profética da criação do céu e da terra em Gênesis 1 só pode ser escrita muito tempo depois. A descrição do cerco de Jerusalém por Senaqueribe em Isaías 36-37, porém, é do tempo em que aconteceu este cerco. Também instituições e situações são descritas pelos profetas: a arquitetura e a disposição do tabernáculo são exatamente descritas em Êxodo 35-40, enquanto Josué 13-21 oferece uma exposição detalhada das cidades das doze tribos na terra prometida. Essa descrição do passado e da época em que o próprio profeta viveu domina em certos livros, enquanto em outros domina a predição. Isso resultou numa distinção entre livros 'históricos' e 'proféticos'. Essa distinção tem como desvantagem que os livros históricos quase não são considerados proféticos. Também é facilmente feito um contraste que não tem nenhum direito de existir, onde há apenas uma distinção na direção para a qual é visto: os livros históricos contêm sempre predições do futuro e os livros proféticos não são exclusivamente livros que vêem o futuro. Do livro profético de Zacarias podemos aprender coisas sobre a sua própria época, enquanto o livro histórico de Gênesis desde a mãe das promessas em Gênesis 3,15 até as bênçãos de Jacó no capítulo 49 contém muitas palavras que falam de um futuro que está longe.

Na medida em que profetas falam em alto ou baixo grau sobre o passado e sobre a sua própria época, o caráter profético das suas palavras não é descontado da veracidade histórica do que eles dizem. Muitas vezes é dito que partes históricas da Bíblia não podem ser lidas como relatórios históricos porque temos a ver aqui com descrições proféticas. Ou diz-se que os evangelhos não podem ser lidos como biografias históricas, porque os evangelistas puseram nos seus livros uma tendência profética-anunciando. Será que isso está certo? Será que o elemento profético é uma dedução do elemento histórico? Em geral isto não precisa ser assim. Um escrito tendente pode ser

historicamente muito exato e dá para imaginar que um ator quer, por deixar falar os fatos, que a sua mensagem seja digna de fé! Devemos discernir entre literatura tendente, em que é registrada a tendência de certas histórias, e uma literatura tendenciosa, em que os fatos são comprimidos num padrão. Concernente a Bíblia, esse livro quer ser puramente histórico também quando são dados um moral e uma mensagem. Dentro da Bíblia a descrição anterior de certos fatos e ocorrências é muitas vezes usada mais tarde como prova histórica: acontece regularmente que profecias posteriores sustentam as suas mensagens com a história da época do deserto ou da entrada no país prometido. E quando Seom, rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã, não realmente fossem vencidos por Israel, não teria sentido algum querer confortar o povo para a luta futuro apelando a estes fatos de guerra. No quarto mandamento o descanso no sétimo dia é baseado no fato de o SENHOR criar o céu e a terra em seis dias. A Bíblia leva a sério a sua própria descrição da história!

O caráter histórico dos escritos proféticos sobre o passado fica muitas vezes evidente em coisas pequenas: é notado que uma lápide ainda existe 'até hoje' ou que a mentira do Sinédrio sobre o roubo do corpo de Jesus divulgou-se entre os judeus 'até ao dia de hoje'. Profetas não são cronistas, mas isto não quer dizer que as suas obras são menos históricas: os profetas referem regularmente às crônicas dos reis quanto 'aos mais atos' da história de um certo rei. O profeta seleciona. Ele escreve literatura tendente. Contudo não é literatura tendenciosa. Nos evangelhos é anotado abertamente o que é desvantajoso para os apóstolos: eles não são feitos melhores do que são na sua falta de entendimento e fé. E o caráter incompleto e seletivo dos evangelhos não impede que os fatos descritos sejam de natureza histórica e em princípio equivalente aos dados numa biografia histórica mais completa: João sabe que ele não escreveu tudo no seu evangelho, mas ele sabe também que o que ele escreveu é historicamente verificável e aconteceu realmente (João 20,30-31; 21,24; 19,35). A circunstância de que, lendo as descrições divergentes, nem sempre é fácil ver o que realmente aconteceu, mostra também que temos aqui a ver com material histórico, baseado na memória e em relatórios de testemunhas oculares, e não é produzido por autores tendenciosos. E quando Paulo seleciona em Gálatas 1 unilateralmente os seus dados biográficos, totalmente dominado pela tendência da carta, ele jura apesar disso que os fatos oferecidos são verdadeiros (Gálatas 1,20). É então errado usar o caráter profético da Bíblia em detrimento do caráter histórico nela.

Por outro lado seria também errado, quanto às descrições do passado e de hoje e quanto à descrição de situações e instituições, esquecer que temos aqui a ver com profecia, inspirada por Deus. Quando um cronista inventaria a história, isto é interessante e importante, mas quando um profeta faz isso, isto é instrutivo. Ele não diz apenas algo sobre o passado, mas ele mostra o que o passado diz a nós. João quer com a atuação de Jesus mostrar que Ele é realmente o Cristo, o Filho de Deus

(João 20,30-31). E "tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Romanos 15,4). Também a próxima geração precisa conhecer os atos do SENHOR, para que ela não se esqueça dos feitos de Deus, mas observa os seus mandamentos (Salmo 78,1-8). O caráter profético da historiografia bíblica faz com que o exegeta precise chegar ao alcance destas palavras proféticas para uma época posterior.

O significado atual do passado para épocas posteriores é regularmente evidente no Antigo Testamento. Ezequiel ensina aos exilados em Babel como eles da história podem aprender a entender a sua própria época (Ezequiel 20). Jonas sabe o que pode significar para Ninive o fato de Deus ter-se revelado no passado como um Deus clemente e misericordioso (Jonas 4,2). No Novo Testamento Paulo diz que os castigos para Israel na época do deserto são exemplos para os crentes em Corinto (1 Coríntios 10). E na carta aos hebreus lemos o evangelho de Cristo nas instituições do templo e do sacerdócio do Antigo Testamento. A palavra de Jesus que o trabalhador é digno do seu salário (Lucas 10,7) tem significado para oficiais em Éfeso (1 Timóteo 5,18).

Assim podemos ver, pensando no uso que a Bíblia faz de histórias, instituições e mandamentos antigos, que os próprios profetas viviam com a verdade que toda Escritura, inspirada por Deus, é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2 Timóteo 3,16).

## **2.2. Tipologia**

Textos proféticos têm, mesmo quando não são predições, significado para uma época posterior. Na hermenêutica é aqui muitas vezes usada a palavra 'tipologia'. Pessoas, ocorrências ou instituições históricas são vistas como exemplos (em grego: *tupoî*) para posteriores ou como imagens que antecedem o que vem mais tarde. Exegese tipológica não pára com o passado em si, mas mostra o alcance do passado para hoje. Nesta exegese não são apenas importantes pessoas ou sacrifícios que poderiam ser idéias do Messias que antecedem ('tipo'), mas também são importantes atos, ocorrências, leis e instituições que são exemplos para a igreja do Messias.

A palavra 'tipologia' não é uma palavra boa, porque ela facilmente pode ser limitada a 'Cristológico-típico' e também porque ela pode dar a impressão de que aqui é algo acrescentado à história ou que algo impróprio é feito com a história. Mas a palavra é usada muito e ela tem também algo atraente: ela adere a alguns textos no Novo Testamento em que é dito que o passado é 'tipo' para hoje. Paulo chama as ocorrências na época no deserto exemplo (*tupoî*) para nós: "Ora, estas cousas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as cousas más, como eles cobiçaram" (1 Coríntios 10,6). O apóstolo não diz

que nós podemos usar essas ocorrências como exemplos, mas ele expressa-se de uma maneira muito mais forte: elas aconteceram como exemplos para nós! Isto significa que o apóstolo não está transformando material velho para uma época posterior, mas que ele explica as histórias antigas conforme a sua própria intenção e que ele mostra que elas ainda têm valor. Para isso, então, aquelas histórias foram escritas: "Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado" (1 Coríntios 10,11). Nestes textos a palavra 'tipológico' pode ser baseada. É um termo técnico para um aspecto da exegese de palavras proféticas que não são predições como tal. Com ênfase falamos de um aspecto da exegese.

Exegese de trechos 'históricos' deve mostrar o alcance deles. Se isso não acontecer, ela acaba na metade do caminho. Porém, quando ela mostra aquele alcance, então ela não acrescentou uma 'exegese tipológica' à 'exegese histórica', mas ela completou a exegese histórica de uma maneira que é adaptada ao objeto (palavras proféticas). Poderíamos facilmente carecer da expressão 'aspecto tipológico', se não vivêssemos numa época, em que é negado que os livros bíblicos tenham aquele alcance profético. Quem degrada a Bíblia a uma descrição de fatos mudos e um passado morto, porém não faz jus ao texto num ponto que chamamos agora explicitamente o tipológico, o profético de trechos 'históricos'.

Usando a palavra tipologia é possível facilmente distanciar-se da exegese alegórica, em que o histórico se evapora e não é mais relevante. Na tipologia o histórico é válido. Adão não pode ser uma 'idéia' (no grego: *tupos*) do Cristo vindouro, quando nunca teria existido um Adão (Romanos 5,14). Paulo não pode ser um 'exemplo' (no grego: *tupos*) para a igreja, se ele apenas teria sido uma personificação literária da virtude e não uma pessoa histórica (Filipenses 3,17).

Abraão, Sarai e Agar eram para Paulo pessoas históricas. O que foi escrito sobre elas nos escritos proféticos tem, porém, também significado para nós. Paulo diz em Romanos 4,23-24 que a palavra da Escritura de Gênesis 15,6 ("Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça") não somente por causa de Abraão foi escrita, mas também por causa de nós, que cremos em Jesus Cristo. Baseado nessa convicção Paulo pode dizer em Gálatas 4,24 que a história dos dois filhos de Abraão (um de Agar e outro de Sarai) é alegórica. Ele usa no grego um verbo que parece com a palavra 'alegoria'. Apesar disso Paulo não quer dizer que o conto de Gênesis é uma alegoria em vez de descrição da história. Trata-se de história verdadeira, o que fica evidente quando o apóstolo em Gálatas 4,29 faz um contraste entre a época de Abraão ('outrora') e a época dos leitores ('agora'). O verbo que ele usa no vs.24 diz apenas que o texto tem uma tendência além das pessoas Abraão, Sarai e Agar. Isso também fica evidente do fato de Paulo começar o vs.24 com um pronome relativo neutro (em grego:

*hatina*, não: *hoitines*), o que significa que o versículo todo não refere-se às pessoas, mas ao começo do vs.22 ("Pois está escrito"): o que foi escrito não fala apenas das pessoas daquela época, mas tem implicações para muitos séculos. Os dois filhos, Ismael e Isaque, representam dois caminhos: o caminho da carne e o da promessa. E que nascimento segundo a promessa tem preferência sobre nascimento segundo a carne, é uma coisa que não limita-se a estes dois filhos de Abraão. É uma coisa que ainda é muito atual na época de Paulo.

O povo judeu, que rejeita o Cristo, o Prometido, e se orgulha da sua própria descendência natural de Abraão, chegou na linha de Ismael, que também era filho natural de Abraão. Na época de Paulo o monte Sinai ficava no território árabe, enquanto o monte Sião, Jerusalém, pertencia a Israel. Mas quando Israel vangloria-se na descendência natural de Abraão, Sinai e Jerusalém vão ficar no território dos filhos naturais, os filhos da escrava. Os filhos da promessa, que crêem no Messias prometido, o Filho de Abraão, têm uma outra mãe: Sarai, que é a Jerusalém celestial de onde Deus dá filhos prometidos à sua igreja no caminho da regeneração. Não é uma evaporação alegórica de pessoas históricas, mas um entender tipológico do que significa a história.

Quanto espaço existe para esta tipologia entre alegoria e interpretação? Ela não pode negligenciar a história, mas também não pode fazer como se a história recebesse apenas significado por nossa interpretação posterior. Será que aqui não surge o perigo de exemplarismo arbitrário? E como esse perigo pode ser vencido? Nós achamos que evitamos arbítrio quando damos atenção à maneira de o Novo Testamento falar sobre o valor exemplar ou o significado, que é figurativo de antemão, de trechos do Antigo Testamento. Podemos falar de dois pontos:

1. Em primeiro lugar o tipológico faz parte de um grande quadro histórico. Não é um uso incidental do texto, mas é exegese no contexto maior histórico da única Aliança de Deus, do desígnio único de Deus. A história não é considerada uma totalidade cíclica que se repete, mas uma unidade organicamente ligada. O exemplo de Gálatas 4 pode ilustrar isso. Paulo termina esse trecho apelando-se a Gênesis 21,9-10: Abraão deve mandar embora a escrava e assim os cristãos na Galácia não devem unir-se com os judeus incrédulos em Jerusalém. Essa exortação não está baseada num texto solto ('lança fora a escrava'), mas tornou-se possível porque Paulo mostrou primeiro a unidade principal na história. Por causa da atualidade dos dois testamentos ('carne' e 'promessa') a palavra a Abraão a respeito de Agar pode ser norma e exemplo para nós.

2. Em segundo lugar muitas instituições em Israel são um reflexo de realidades mais elevadas. Elas são imagens e por isso exemplos. Isto vale especialmente para o tabernáculo, o sacerdócio e os sacrifícios. Moisés deve fazer tudo conforme o exemplo que lhe foi mostrado no monte: isto é o templo e a liturgia celestial (Hebreus 8,5). Muitas

instituições no Antigo Testamento refletem realidades que nós (ainda) não vimos (Hebreus 9,23; 10,1). Por isso pode ser importante comparar estas instituições com o mundo em redor de Israel, mas contudo não devemos ficar parados ali: devemos chegar à pergunta em que medida estas instituições já refletem o que veio ou mais tarde virá no culto celestial (cf. Apocalipse). Afinal Apocalipse não é um eco das figuras e instituições no Antigo Testamento, mas o antigo tabernáculo já mostrou de antemão alguma coisa do que estava num outro lugar e ainda virá ou deverá ser revelado.

Os pontos de que falamos nos impedem fazer traços sem mais nem menos de um texto na Bíblia para uma ocorrência hoje que é atual para nós. Exemplarismo atomístico, inspirado seja pelo pietismo seja pelo materialismo arranca fatos e textos da história e do contexto. Mas estes pontos também nos impedem que renunciemos a tipologia e a limitemos ao que encontramos dela no Novo Testamento. A exegese tipológica tem uma base forte no Novo Testamento e requer que revelemos o que é exemplar também em outros casos, não chamados no Novo Testamento. Exegese histórica salvífica sem uma boa elaboração exemplarística não faz jus à intenção de textos nos escritos proféticos. O Antigo Testamento é um livro para ensinar a igreja de Cristo e o Novo Testamento também.

### **2.3. Regras e ilustrações**

O direito de uma exegese tipológica deve ficar evidente daquela exegese. Também aqui não há um sistema geral de regras, o qual pode ser aplicado a textos muito divergentes. Porém podemos formular algumas regras que podem dar uma pista.

1. A regra mais importante é que deve-se ser um conhecedor da Bíblia toda. Sem compreensão da totalidade da revelação e da totalidade organicamente coerente das obras de Deus alguém facilmente não enxerga os aspectos tipológicos ou vê ligações exemplarísticas onde não há.

2. Em segundo lugar deve-se cuidar para não forçar um significado tipológico. Porque há muita diferença em textos. A densidade em informação e significado difere muito: compare a intensidade da carta de Éfeso com a amplitude de Números. Isso tem como conseqüência que às vezes o aspecto tipológico quase não está presente em muitas páginas e num outro caso esse aspecto encontra-se quase em todos os versículos. Na exegese nos primeiros séculos a tipologia muitas vezes foi forçada: tudo no Antigo Testamento foi considerado uma figura de antemão ou um exemplo. Mesmo os 318 homens que Abraão leva na batalha contra os reis orientais (Gênesis 14,14) tornam-se um símbolo de Jesus Cristo, porque o número 318 em grego como criptograma pode ser considerado o nome de Cristo. E as 12 fontes e as setenta palmeiras em Elim (Êxodo 15,27) são consideradas indicações tipológicas dos 12 apóstolos e dos 70 discípulos que Jesus enviou (Lucas 9,1; 10,1). Não cada palavra, número ou detalhe pode ser explicado tipologicamente.

Porque também não sabemos de antemão se um texto tem uma função exemplar ou figurativa. Por isso devemos ter atenção para o alcance maior, mas não devemos aumentar o significado do texto.

3. Dê-se atenção ao texto e ao contexto. Já vimos que Paulo faz isso em 1 Coríntios 10 e em Gálatas 4. Parece que ele esquece isso às vezes. Em 1 Coríntios 9,9-10 ele defende da seguinte maneira o direito que os apóstolos têm de o seu sustento ser providenciado: "Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que debulha. Acaso é de bois que Deus se preocupa? Ou é seguramente por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra, fazê-lo com esperança; o que debulha, faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida". Paulo não tira aqui uma lei que fala sobre a proteção de animais do contexto para fazer dela um exemplo para a igreja? Porém, quem lê Deuteronômio 25 descobrirá que Paulo leu esse texto no contexto. Ele faz parte de uma série de leis contra atos desumanos. Quem dá mais do que 40 açoites a um ser humano, faz com que este fique aviltado aos seus olhos: assim não castiga-se, mas se humilha (25,1-3). Quem recusa o levirato, pode ser cuspido no rosto pela cunhada: assim se faz ao homem que não quer edificar a casa de seu irmão (25,5-10). Quando uma mulher meter-se numa briga entre dois homens e ela pegar com a sua mão pelas vergonhas do homem que atacou o seu marido, a mão dela deve ser cortada (25,11-12). Essas leis têm em comum que uma pessoa pode desonrar a si mesma. E neste contexto encontramos vs.4: não atarás a boca ao boi, quando debulha. Quem faz isso é desumano. E os israelitas devem ser filhos de Deus e não desumanos. Paulo elabora isso em 1 Coríntios 9,10: o que debulha, faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. Porque Deuteronômio 25 dá atenção à maneira de seres humanos comportarem outros seres humanos e animais, Paulo pode dizer que Deus não deu a ordem sobre o boi para proteger animais, mas para ensinar ao homem qual deve ser a sua atitude para com homens e animais. Essa atitude cabe também à igreja em relação com os apóstolos que semearam coisas espirituais e agora querem recolher bens materiais (1 Coríntios 9,11).

Quem lê em 2 Samuel 18,33 que Davi diz após a morte do seu filho Absalão "Quem me dera que eu morrera por ti", poderia pensar que temos a ver aqui com uma pessoa sem domínio próprio. Comparação com o contexto nos ensina, porém, o contrário. Apesar de Davi ter dito a Joabe que ele devia tratar Absalão com brandura, ele mesmo não saiu para a guerra para que a sua vida fosse poupada (2 Samuel 18,1-5). Também lemos que Davi pouco tempo depois de ouvir a notícia a respeito de Absalão dirige as coisas sem nenhuma indicação de que ele estava cansado de viver (2 Samuel 19,11). Além disso sabemos da história sobre a morte de um outro filho que ele podia entregar um filho morto ao SENHOR (2 Samuel 12,18-25). Tudo isso nos obriga procurar uma outra explicação para a queixa de Davi depois de Absalão morrer: ele está em luto porque morreu um homem que estava em pecado.

Como tal homem deve aparecer diante de Deus? Davi, que crê em Deus, queria tomar o lugar de Absalão: ele é justificado pela fé perante Deus. O que Davi quer, não pode ser realizado. Apesar disso ele refere-se a isso. Um desejo que é mais do que um desejo. É uma oração, que também Moisés fez (Êxodo 32,32) e Paulo (Romanos 9,3), orando por seus perseguidores: é uma oração que fala de uma possibilidade que realizou-se em Cristo. A queixa de Davi é o tipo do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor: Ele morreu em nosso lugar para uma completa expiação de todos os nossos pecados.

4. É importante ver se certas instituições ou ocorrências são naturais ou chamam a atenção. No último caso a possibilidade é maior que tenhamos a ver com reflexões de outros assuntos ou assuntos posteriores. Não é evidente que no templo de Deus de Israel são matados tantos animais. Israel tem um Deus, que na sua soberania salvou o seu povo do Egito e que não precisa receber pagamento pelos seus serviços, como Baal. Além disso os profetas dizem que Deus não precisa de sacrifícios para ficar satisfeito (Salmo 50,9-13; 24:1-6; Isaías 1,10-17). Tudo isso indica que devemos procurar um outro significado. Os cordeiros refletem a luz do Cordeiro (Isaías 53,7-10; João 1,29.36) e isso o povo de Abraão já podia saber (Gênesis 22,8-14).

Depois do nascimento de um filho a mãe devia oferecer um sacrifício antes de ela de novo entrar no templo. Esse sacrifício não está evidente: os nascidos não são filhos de Abraão e herdeiros da promessa? Deus não ordenou ao ser humano que se multiplicasse? Não é um pecado ganhar um filho. É um privilégio, especialmente na igreja (Salmo 127 e 128). Por que aquele sacrifício? Tem evidentemente uma relação com o filho, porque o tempo do sacrifício no caso de um menino é diferente do tempo no caso de uma menina. Parece que a mãe deve, no lugar do seu filho, confessar a sua impureza. Os dias depois do nascimento são dias alegres. Porém, a mãe não pode entrar no templo com o seu filho, mesmo não como mãe judia com filho judeu. O sacrifício depois do nascimento de um filho é tipo da nossa natureza pecaminosa e da expiação de que precisamos pelo sacrifício de um outro. Davi diz isso assim: "Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu a minha mãe" (Salmo 51,5).

5. Finalmente, é necessário provar cada exegese, também quanto ao aspecto tipológico, ao que é revelado nas demais Escrituras. Sabemos de 2 Pedro 3 que algumas pessoas deturpam as Escrituras "para a própria destruição" delas. Pedro ordena o contrário: ler as Escrituras na sua coerência mútua, para que a igreja de Cristo seja edificada. Quando o uso de Davi da espada de Golias fosse considerado um tipo para a igreja que poderia usar a espada do governo para manter-se nessa época, isso não seria conforme a palavra de Cristo que disse que a igreja não pode lançar mão da espada (Mateus 26,52-56; Romanos 12,14-21) e deve respeitar o governo que tem a espada (Romanos 13,1-7). Não devemos esquecer que Davi não usou a espada de Golias contra

o seu perseguidor Saul (1 Samuel 24,4-8) e também que ela não adiantou quando ele na sua fuga chegou em Gate (1 Samuel 21,10-15) A história sobre o pedido de Davi para receber armas na cidade de Nobe nos mostra que Davi depois de começar a sua fuga para Saul não pode mais contar com as armas do rei. O que sobra para ele? Para este dia é apenas guardada a espada de Golias, envolta num pano detrás da estola sacerdotal. Davi recebe de volta o que ele venceu só pela fé: com a atiradeira e uma pedra ele venceu o gigante e assim ele apoderou-se da espada dele. Agora ele, sendo general de Saul, caiu em desgraça, mas ele pode continuar no caminho da fé. Naquele caminho ele recebeu a espada do inimigo. E naquele caminho receberá a coroa do rei. É caracterizante que não seja dito por Aimeleque em 1 Samuel 21,9 "a espada com a qual mataste Golias", mas "a espada de Golias ... a quem mataste". Essa espada significa, depois da história da batalha no vale de Elá (1 Samuel 17), que a vitória é do SENHOR. Para quem conhece o romantismo da espada, a espada de Golias deve ser uma coisa impressionante. Davi deve ter sabido como agir com ela. Apesar disso ele não compõe um cântico sobre esta espada, mas sobre o SENHOR (2 Samuel 22).

#### **2.4. Melquisedeque como exemplo**

Para terminar o que foi dito sobre profecia e história, e também sobre profecia e cumprimento, falamos agora sobre um exemplo, tratando uns trechos sobre Melquisedeque. Sobre ele falam um trecho histórico (Gênesis 14,18-20), um salmo que fala do futuro (Salmo 110,1-4) e um trecho que explica a Escritura (Hebreus 7). Isso dá a oportunidade para retratar no exemplo diversos aspectos dos parágrafos anteriores. Além disso temos aqui a ver com um pequeno e limitado número de textos, que queremos ler um por um.

Gênesis 14. Depois de Abrão ter vencido com pouca gente os reis orientais, ele é o libertador de Canaã. A terra que Deus lhe prometeu foi salva por ele da mão de poderes mundiais. O rei de Sodoma e os reis que estiveram com ele vão por isso ao encontro do hebreu Abrão quando este volta da batalha como vencedor. Melquisedeque, rei de Salém, junta-se a estes reis. Ele traz pão e vinho para fortalecer os vencedores. Porém, ele é, diferente dos reis ímpios de Canaã, um sacerdote do Deus Altíssimo. Por isso ele sabe falar a palavra certa a Abrão: "Deus Altíssimo, o Criador do céu e da terra, deu esta vitória ao seu servo Abrão". Dizendo isso em público Melquisedeque ensina tanto os reis incrédulos como o crente Abrão. Fica evidente que Abrão sustenta o testemunho do sacerdote solitário de Deus Altíssimo: Abrão honra o sacerdote de Deus, dando-lhe a décima parte de tudo. Ele adere às palavras de Melquisedeque quando ele jura diante o rei de Sodoma em nome de Deus Altíssimo que ninguém enriqueceu a Abrão.

Abrão é em Gênesis 14 o herdeiro de Canaã, chamado por Deus. Quando ele tem a possibilidade de receber uma grande parte daquela herança, ele mostra que cobiça humana não o conduz, mas que ele

espera tudo de Deus, esquecido em Canaã, mas servido por Melquisedeque. Assim Abrão apela publicamente a reis, que se desviaram, que voltem ao Criador, o Deus de Adão e Noé, que eles esqueceram. Abrão é aqui um tipo da igreja fiel que neste mundo deve aproveitar a oportunidade para chamar de volta todos os povos para o Criador e Salvador. O que Melquisedeque faz mostra que Deus ainda tem os seus sacerdotes neste mundo, também em Canaã. Porém, esse sacerdote some logo. Ele não forma uma coalizão com Abrão para adquirir o país. Ele suporta a fé de Abrão, cuida num momento decisivo dos mantimentos e é assim realmente um ajudante de Deus para o estrangeiro Abrão.

Deus ajuda por meio de um sacerdote, que abençoa. Quem abençoa, está do lado de Deus. Deus abençoa Abrão por meio de mãos sacerdotais. Assim Melquisedeque é nesse ato um tipo ou figura da bênção de Deus que pode ser dado aos crentes chamados por um sacerdote. Por que sacerdote? Melquisedeque some. Mas Deus não pára depois desta bênção pelas mãos sacerdotais. Outros trechos da Bíblia mostram qual é a esperança e a perspectiva. Que esse sacerdote e rei do Deus Altíssimo é mais importante que Abrão, Gênesis 14 já mostra, quando Abrão dá a este sacerdote a décima parte. Quem pensa bem nisso, continua esperando aquele que é mais do que Abraão, o sacerdote de Deus que nos abençoará e que merece a honra dos crentes. Haverá muitas histórias sobre Abraão e a sua descendência, mas a partir do começo fica claro que seria errado pensar que a décima parte dos povos são para esta nação. O que importa é aquele que é mais do que Abraão. O que é importante neste mundo não é a igreja que confessa, mas esta igreja existe para dar a décima parte ao sacerdote de Deus, o único sacerdote que pode nos abençoar. Deus pode fazer com que os crentes sejam uma bênção, mas em si mesmos eles não são a bênção para o mundo. Assim a história de Gênesis 14, uma história curta, alcança um horizonte que está longe.

O Salmo 110, escrito por Davi, é uma palavra profética sobre o que o SENHOR diz ao 'meu Senhor'. O SENHOR diz ao Senhor de Davi: "Assente-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés". Esse rei governa de Sião. É lhe dito: "O SENHOR jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Esse salmo fala de alguma coisa que ainda não se completou: os inimigos serão esmagados. O profeta, porém, vê tudo em resumo numa figura só: um Rei à direita de Deus, que governa divinalmente e a quem Davi deve dizer: 'meu Senhor'. Fica evidente que essa perspectiva profética não fala de Davi, mas de uma pessoa maior e mais gloriosa. Ele mesmo é Deus. E Ele é sacerdote para sempre. Os sacerdotes de Israel foram temporais. Este, porém, é sacerdote para sempre. Ele não morre, mas vive para sempre como sacerdote. Davi só conhece em Israel os sacerdotes de Arão. De repente surge agora o nome antigo de Melquisedeque. O homem que era mais do que Abrão e que lhe deu a bênção.

Salmo 110 é uma consolação no meio do caminho. Depois de Gênesis 14 já ter dado motivo para esperar um sacerdote mais do que Abrão, Salmo 110 dá a certeza de que este sacerdote estará para sempre. O ministério de Melquisedeque não foi um incidente momentâneo. Salmo 110 vai além dos quadros de Davi e Israel: é uma predição do Messias vindouro. Davi e Arão devem aguardá-lo como o seu Senhor. Esse salmo diz o que Isaías mais tarde pode profetizar mais amplamente: "Preparai o caminho do SENHOR. Ele próprio vem ao seu povo". O orgulho de reis e sacerdotes, que há regularmente na história de Israel, e a indiferença dos povos para com Deus, que existe sempre naquela época, tornam-se agora culpa séria, porque Deus quase mil anos antes deu um esboço da majestade do Messias no céu e na terra. A igreja cristã pode saber que o seu Salvador Jesus Cristo cumpre o que Davi profetizou e aos descrentes Salmo 110 pode ser lido como prova da verdade do evangelho: antes da vinda dEle, Deus já falou!

Hebreus 7 fala amplamente sobre Melquisedeque. Já no capítulo 5 foi falado o seu nome. O autor de Hebreus fala lá sobre a nomeação oficial de Cristo: Deus lhe deu a honra de ser o nosso sacerdote celestial. Essa nomeação por Deus é provada com Salmo 2 e Salmo 110. Neste último salmo é dito sobre Cristo que Ele é "sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 5,6.10). Depois de tratar outros assuntos o autor volta a falar sobre isso no final do capítulo 6. Ele volta ao que escreveu em 4,14: temos um grande sumo sacerdote que penetrou os céus. Isto é repetido em 6,20 e é acrescentado que Ele tornou-se lá no céu sumo sacerdote "para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Capítulo 7, que começa com a palavra 'porque', serve para argumentar isso.

Em Salmo 110 a promessa do sacerdócio eterno está ligada com uma comparação com Melquisedeque. Por isso o autor de Hebreus refere-se em 7,1-3 primeiro a Gênesis 14. A estrutura de 7,1-3 é a seguinte:

a. Uma frase principal que cerca o resto (começo vs.1 e fim vs.3): "Porque este Melquisedeque ... permanece sacerdote perpetuamente".

b. O fundamento dessa frase principal na exegese de Gênesis 14: essa exegese tem o seu lugar, por dizer assim, entre parênteses na frase principal. Ela pode ser dividida em duas partes:

b1. Citação de Gênesis 14,18-20 (fim vs.1 e começo vs.2): " ... rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão quando voltava da matança dos reis, e o abençoou; para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo ..."

b2. Comentário exegético à citação (fim vs.2 e começo vs.3): " ... (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja rei de paz; sem pai, sem mãe, sem genealogia;

que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto feito semelhante ao Filho de Deus) ..."

De que maneira Gênesis 14 é lido aqui? Primeiro devemos dar atenção ao fato de vs.1-3 explicar apenas uma parte da citação. Os elementos 'a benção de Melquisedeque' e 'o dízimo de Abraão' serão tratados nos versículos 4-10. O autor limita-se nos versículos 1-3 aos elementos 'Melquisedeque' (significa: 'rei de justiça'), 'rei de Salém' (significa 'rei de paz') e 'sacerdote' (é Melquisedeque 'para sempre'). O que importa para o autor é este último elemento, porque com este a frase principal é terminada. Na sua explicação de Gênesis 14, porém, o autor não dá apenas atenção às primeiras palavras, mas também ao que não foi escrito enquanto poderia ser esperado. Pode ser lido muito sobre Melquisedeque (nome, lugar, ministério), mas não lemos nada sobre o seu pai ou a sua mãe, a sua família, o seu nascimento ou a sua morte.

O fato das palavras "sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência" poderem ser lidas numa exegese palavra por palavra de uma citação de Gênesis 14, faz evidente que o autor não quer dar notícias sobre Melquisedeque, mas apenas tira conclusões do texto que ele explica. Ele não leva em consideração se Melquisedeque teve um pai e uma mãe e se ele faleceu na terra: o que importa é apenas que Gênesis 14 não fala de tudo isso.

Talvez isso não chame tanto a nossa atenção. Porém, na época da Bíblia foi uma coisa natural na introdução de uma pessoa referir-se aos seus pais ou a sua genealogia. Isso foi certamente o caso quando se tratava de uma sacerdote que deve o seu ministério a alguma coisa. Porém, o seu sacerdócio não fica no ar: como sacerdote Melquisedeque está independente. Ele é simplesmente sacerdote do Deus Altíssimo. A sua legitimação não é uma relação terrestre. Em compensação ela é encontrada nas palavras 'sacerdote do Deus Altíssimo': ele pode ser comparado com o Filho de Deus. Ele tem um direito imediato para ser sacerdote, diretamente lhe fornecido por Deus. Assim o autor da carta aos Hebreus explica cuidadosamente e contextualmente a expressão isolada que acompanha o nome de Melquisedeque: 'sacerdote do Deus Altíssimo'.

Naquela exegese ele baseia a sua conclusão na frase principal: um sacerdote que, como Melquisedeque, recebeu o seu ministério diretamente do Deus Altíssimo, permanecerá com esse ministério. Ele não precisa entregá-lo a um substituto. A sua morte não precisa ser mencionada, porque quando ele morre ele leva esse ministério para o trono de Deus. Quem lê em Gênesis 14 cuidadosamente o que está escrito e o que não está escrito, pode já entender que o sacerdócio de Melquisedeque está ligado à sua pessoa e que ele também agora, não na terra, mas na presença de Deus, pode ser chamado sacerdote do Deus Altíssimo.

Hebreus 7,1-3 forma o motivo para 6,20 da seguinte maneira: porque Melquisedeque tem um sacerdócio não-desviável, a promessa em Salmo 110 significa que Deus também a Cristo deu um sumo sacerdócio não-desviável 'segundo a ordem de Melquisedeque'. O assunto principal é que o (sumo) sacerdócio permanece para sempre. Isso fica evidente no texto de Salmo 110. Porque está escrito: "tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". A ordenação de Melquisedeque é uma ilustração para a promessa do sacerdócio eterno. Trata-se, então, não de uma ordem sacerdotal especial, mas da maneira de ser sacerdote.

Fica também evidente na continuação de Hebreus 7 que o autor sempre quer tratar do caráter eterno do (sumo) sacerdócio. Os sacerdotes de Arão são mortais e perdem o seu sacerdócio, o entregando a substitutos, mas de Melquisedeque é testificado que ele vive (7,8.16.23). Comparação de vs.17 com vs.8 ensina que o autor pensa aqui no 'testemunho' de Salmo 110: esse salmo mostra que Melquisedeque é um sacerdote que permanece e vive.

Também são mencionadas várias diferenças entre Cristo e Melquisedeque. Apenas Cristo entrou no santuário interior, enquanto não é dito mais sobre Melquisedeque do que sabemos: ele foi ao encontro de Abrão. Melquisedeque é 'sacerdote' e Cristo 'sumo sacerdote'. Cristo é o Filho de Deus, Melquisedeque mostra apenas num certo aspecto (o sacerdócio eterno) uma semelhança com o Filho de Deus.

A exegese de Hebreus 7, porém, nos ensina que a combinação de Gênesis 14 e Salmo 110 tem uma implicação: Melquisedeque ainda agora é sacerdote do Deus Altíssimo. Para nós este dado pode dificilmente ser encaixado numa totalidade maior. Vimos apenas um pouco da realidade. O que importa é o sumo sacerdote Cristo, e não o sacerdote Melquisedeque. Apesar disso podemos, com base em Hebreus 12,22-24, supor onde fica hoje o lugar de Melquisedeque como sacerdote: na Jerusalém celestial, onde não estão apenas os incontáveis hostes de anjos, mas também a universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados no céu. Ainda não conhecemos o lugar que Melquisedeque ocupa lá como sacerdote do Deus Altíssimo. Quando o exegeta está pronto com o seu texto, ele está à procura de realidades não-vistas, indicadas pelo texto suficiente mas incompletamente.

**Fonte:** Jakob Van Bruggen, *Para Ler a Bíblia*.  
(São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998), 137-164.